



ANO XIV

Suplemento infantil do jornal

O SECULO

N.º 725

Aventuras do porco espinho maluco

Por MARIA FREDERICA

ERA uma vez um Porco Espinho com tanta falta de juízo que todos que o conheciam lhe chamavam o Porco Espinho Maluco. Tinha um irmão com muito juízo, a bondade em pessoa: — o Porco Espinho Bomzinho.

Um dia, a mãe deles, a senhora Porca Espinha, mandou o Porco Espinho Maluco — o outro estava a estudar — com um cestinho ao quintal, buscar ovos a capoeira das galinhas. Ele foi, muito satisfeito, fez o que a mãe lhe dissera, e voltava para casa quando viu, por cima do muro, num terreno ao lado do quintal, uns rapazes a jogarem à bola.

— «Deixem-me jogar com vocês, disse o Porco Espinho Maluco.

— «A última vez que jogámos contigo, deixaste a nossa bola para dentro de um poço; agora não venhas para cá...» disseram-lhe os rapazes.

— «Não me importo; (respondeu êle) tenho, aqui, muitas bolas para brincar sozinho». E o tonto pegou num ovo que tirou do cesto e atirou-o ao ar; claro que êste, ao cair no chão, se esmigalhou. Os rapazes riram-se muito e êle começou a atirar ao ar os ovos todos, até que ficou sem nenhum. As galinhas estavam cheias de indignação, ao verem o seu rico trabalho todo perdido. Imaginem que palerma!

Ao dar conta do que fizera, foi para casa, muito atrapalhado, sem saber o que havia de dizer à mãe.

A senhora Porca Espinha quando soube da linda acção do filho, disse-lhe que, como castigo, não comeria nenhum dos bôlos que ela estava a fazer. Mas, ao lanche, o Porco Espinho deu-lhe um dos deles.

A tarde, foram os dois dar um passeio a um campo perto de casa. A senhora Porca Espinha recomendou-lhes



que não se chegassem perto do poço que ali havia. Claro que o Porco Espinho Maluco foi logo, a correr, direito ao poço e debruçou-se muito para ver os saltões, bichos que costumam saltar ao nariz dos meninos que espertam para dentro dos poços. Já se está a ver o que aconteceu: — O Porco Espinho Maluco desequilibrou-se, e... catrapuz! caí no fundo do poço onde logo começa a esbracejar, com os saltões todos em volta dêle, a ver onde lhe haviam de morder. (É difícil morder um porco espinho, pois é todo picos).

O Porco Espinho Bomzinho, que tem sempre boas ideias, deixou-lhe logo o balde, atado à corda do poço, para o maluco se meter dentro e assim poder içá-lo. As primeiras tentativas não deram resultado, porque o Porco Espinho Maluco virou o balde e caiu outra vez dentro da água! Por fim, lá conseguiu trazê-lo para fóra.

Quando voltaram para casa, o Porco Espinho Bomzinho disse ao irmão que não contasse à mãe que tinha caído ao poço, para ela não se assustar. Porém, assim que chegaram à porta, o Porco Espinho Maluco começou a gri-



tar: — «O' minha mãe, cai no pôço! O' minha mãe, cai no pôço!» A pobre senhora Porca Espinha ficou muito pálida e tão afrita que até se esqueceu de o pôr de castigo por ter sido desobediente.

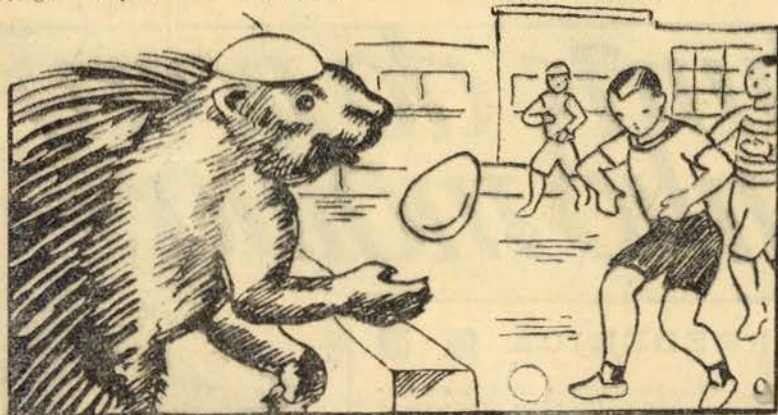
No dia seguinte, foram os dois manos para o colégio. O Porco Espinho Maluco tinha uma carteira só para êle, por causa das asneiras que fazia, mas, a-pesar disso, assim que se sentou, pegou no tinteiro e despejou-o nas costas da aluna que estava na carteira em frente dêle. Essa aluna era uma gatinha branca muito asscadinha. Quando viu o seu lindo rabinho branco todo sujo de tinta, começou a chorar, muito sentida, «miau, miau-au-au» até que a professora, a senhora D. Vaca, aproximou-se para ver o que tinha acontecido. Ficou muito zangada e mandou o Porco Espinho Maluco de castigo para um canto da aula. Mas êle, daí a pouco tempo, conseguiu fugir pela janela e ir para o jardim do colégio. Trepou a uma macieira e



comeu tantas maçãs que lhe custou imenso a descer da árvore, tão gordo fi-

cou. Quando a senhora D. Vaca o encontrou, levou-o por uma orelha para a aula e, como castigo, obrigou-o a ficar a fazer contas, depois de todos se irem embora.

Mas êle ainda teve, além dêste, outro pior castigo. Nessa noite quando estava deitado, as maçãs verdes fizeram-lhe doer tanto, tanto a barrigui-nha, que êle prometeu nunca mais tornar a fazer asneiras. Mas logo que se sentiu melhorzinho, começou a pensar em novos disparates. Porque e bem certo que, assim como há meninos sem juízo e sem emenda, também há porcos espinhos no mesmo gênero.



PARA OS MAIS PEQUENINOS HISTORIA DA LAGARTIXA

Por MANUEL FERREIRA

PALAVRA que não havia, em tôda a floresta, bichinho mais valdoso que a lagartixa Verdinha.

Descendente duma família ilustre, a lagartixa usava braço e contava proezas dos seus antepassados. Um seu bisavô, o fidalgo Sardão, ao entrar numa eira, pusera em debandada nada menos de

oito mulheres, entretidas na desfolhada. O seu pai, D. Lagarto, conseguira, certo dia, escapar às vistas dum passarôlo de mau aspecto.

Era linda a Verdinha, mas tinha o defeito de ser muito orgulhosa. Vivia num buraco, coberto de musgo, duma velha oliveira.

Perto, numa parede, morava a Farrusca, uma lagartixa cinzenta, feia e

pôbrezinha. Sempre que a encontrava, a Verdinha fazia imensa troça da pobre:

— «Adeus, Farrusca! Não tens vergonha de seres tão feia? Repara no meu corpo verde esmeralda, com reflexos de ouro, e compara-o à tua côr de terra, que até causa pavor.»

A Farrusca, coitada, nada dizia e seguia o seu caminho. As vezes, encontrava o compadre Gafanhoto, bicho um tanto ou quanto experiente e queixava-se-lhe. Logo o bicharoco a animava:

— «Deixe lá, comadre Farrusca. Continue sempre boa e modesta e não se rale, pois o orgulho é sempre castigado.»

A pouco e pouco, os animais da floresta começaram a antipatisar com a lagartixa fidalga.

Uma tarde, a Verdinha encontrou a Farrusca e logo as graçaolas choveram. Muito simplesmente, a lagartixa cinzenta retirou para o buraquinho, enquanto a vaidosa atravessava a estrada com ares senhorais.

Foi o seu último passeio. Um pas-



PRESUNÇÃO

★ ★ Por VENUTRO ★ ★

— «Amigo!
— dizia a tola
da papoula
a um pé de trigo —
Eu quero que tu me digas
p'ra que servem as espigas,
as praganas
que tu deitas
no topo das tuas canas
se, com elas, não te enfeitas!
Olha p'ra mim! Que belesa



de vestimenta catita!
Sou tão airosa e bonita
que, até, me chamam princesa
dêste reino dos trigaís...»

— «Não digas mais,
— volve o trigo —
eu sou o pão, o amigo
da humanidade;
alimento
os homens, os animais;
eu dou sustento
aos pardais
e a tôda a comunidade.

Eu sou o pão
verdadeiro;
no verão
encho o celeiro
do lavrador:
— da formiga
que trabalha o ano inteiro
sem se render à fadiga.
Teu valor...

que vem a ser?...



Essa leve vestimenta
que, mui breve, irás perder?...

Nisto, tão
envergonhada
fica a tola
da papoula
que começou a tremer,
deixando cair no chão
a vestimenta encarnada.

— Meus amigos, presunção
ninguém nunca deve ter
pois não nos serve de nada.

Fim

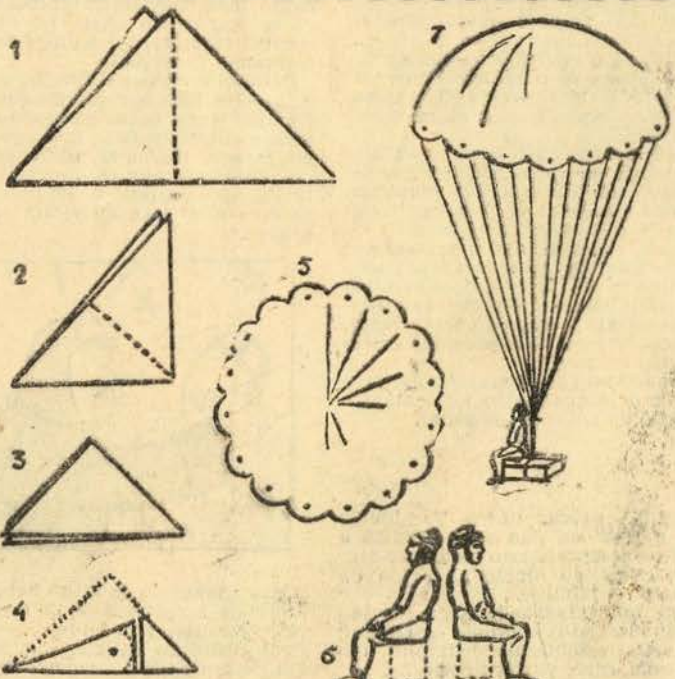
saro grandalhão, no ar, viu aquele
bicho verde a pavonear-se no caminho.
Desceu e, antes que a Verdinha fugis-
se, meteu-a no papo.
Assim desapareceu a lagartixa Ver-



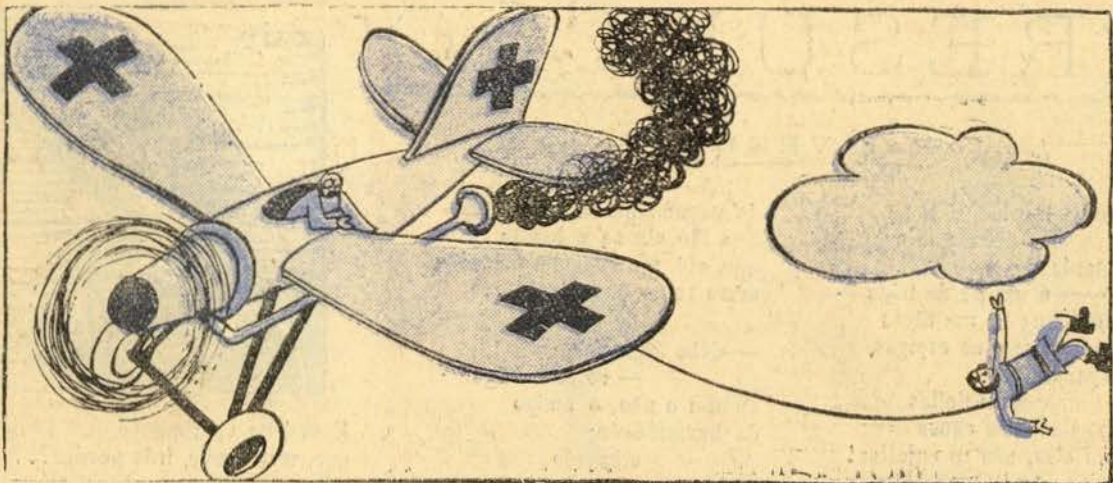
dinha. Quanto à Farrusca, essa viveu
largos anos, sempre estimada por todas
as bichezas da floresta.

Fim

UM PÁRA-QUEDAS



- LER AS INSTRUÇÕES NA PÁGINA 6



CHICO TORNQUETE

O AS DO AUTOMOBILISMO MUNDIAL

Nicolau Rebola veava, agora, o mais rapidamente possível, para alcançar os quatro automobilistas que corriam, desabaladamente, por essas estradas fóra.

No seu cérebro diabólico, nova idéia germinava e foi com um sorriso terrível que meteu a mão dentro dum saco de coiro que levava dentro do avião e dele tirou um comprido laço de «cow-boy».

Quando passasse perto de Chico Tornquete, baixaria o aparelho e lançaria, ao pescoço do heróico As do volante, o terrível laço.

Por essas estradas fóra corria, ve-lozmente, o nosso Tornquete, quando, de súbito, o ruído do motor aéreo se começou ouvindo.

Todos os corações pulsaram de pavor, excepto o do nosso herói que, embora consciente do perigo que o ameaçava, conservava o mais extraordinário sangue-frio.

Subitamente, uma cena medonha se passou: o laço de Nicolau Rebola, lançado com uma perícia diabólica, apanhou o pescoço de Tornquete, elevando-o rapidamente pelo espaço.

A cena passou-se com tal rapidez que nenhum dos presentes teve tempo de intervir. Todos os carros pararam imediatamente e os olhares, angustiados, seguiram o corpo do bravo rapaz, subindo sempre no espaço, até entrar no avião infernal!

A impotência dos seus esforços, para auxiliar o companheiro, aumentava a irritação de todos os presentes.

Sigamos, agora, Chico Tornquete que, apesar da sua perigosíssima e horrível ascensão, não perdeu os sentidos, chegando ligado ao avião do seu terrível inimigo.

Com uma gargalhada atroz, Nicolau Rebola recebeu Tornquete que entrou no avião, assoblando baixinho um «fox-trot», como era seu costume.

— «Olé, «amigo» Rebola! — exclamou sentando-se, re-pimpadamente, num banquinho, no interior do aparelho.

(Continuado do número anterior)

«Fez-me um grande favor, — sabe? — porque há muito tempo que desejava experimentar a sensação duma subida no espaço».

Nicolau Rebola ficou calado, em presença de tanto sangue-frio e de tão estranha boa disposição.

— «Então? Não fala? — (interrogou, trocista, o nosso herói.) — Por ir a gular o aparelho não se segue que tenha a língua presa.»

Raivosamente, o bandido exclamou: — «Finges de fanfarrão, mas a mim não enganas tu! Estás aí cheio de medinho, meu frangão tenro...»

Um murro em cheio no nariz do terrível facinora, foi a única resposta do grande Tornquete.

Dum salto, Rebola voltou-se, guiando o aparelho apenas com uma das mãos. Então, dentro daquele pequeno avião, a uma altura colossal, mal aguentado no espaço, travou-se, entre os dois, uma luta medonha. Os murros, os pontapés sucediam-se e sobre os dois pairava a certeza de virem parar cá abaixo.



Mas a magresa do nosso herói, favorecia-lhe a agilidade e, de repente: — zás, catrapás, pim-im-im... — o medonho Nicolau Rebola, com um sóco em cheio no nariz, perdeu o equilíbrio e, saltando do avião, já com os sentidos perdidos, veio de roldão, por esses ares fóra, estafelar-se na fôfa copa

duma árvore, onde ficou pendurado como pássaro ferido.

Viva Chico Tornquete! Viva o mes-



tre da agilidade, da força e da rapidez!...

Mas, logo a seguir, outro espectáculo surpreendente e extraordinário se desenvolveu ante os olhares espantados da multidão!

No espaço, lá muito em cima, um avião executava os mais arriscadíssimos números de acrobacia! Toda a gente, de nariz no ar, seguia, maravilhada, o deslumbrante espectáculo. Nunca, até essa data, aviador algum se havia arriscado a tanto!... Mas nós, que sabemos que todos aqueles números de acrobacia aérea não eram mais que o resultado da angustiada situação do pobre Tornquete, que nunca mexera num avião, não nos extasiamos mas sentimos o coração apertado pela mais terrível angústia.

O aspanto da multidão era curioso em face do extraordinário aviador que, com tamanha coragem e perícia, efectuava os mais arriscados feitos acrobáticos.

Vejamos, agora, de perto, Chico Tornquete herói automobilístico que, com tanta intuição manejava o avião de Nicolau Rebola!

Tornquete, embora dotado de grande

coragem, não contava já sair com vida da sua arriscada aventura. Por mais que mexesse em todos os botões do volante do avião, não conseguia fazê-lo parar, na sua fúria de voltas e reviravoltas.

A multidão era tão espessa que foi quase impossível dar passagem ao ministro do Ar que, entusiasmado, rodeado por muitos aviadores, civis e militares, avançava no seu imponente automóvel, agitando um lenço branco com que vitoritava o nosso Torniquete. Do alto do avião, Chico Torniquete compreendeu tudo. Agora, o seu desejo era aterrar para que a multidão aclamasse em terra firme.

Ris, intimamente, da sua estranha aventura mas uma ruga lhe vincava a fronte, pelo receio de não conseguir parar o avião.

Mas, súbitamente, — ó milagre dos milagres!!!! — tocando num minúsculo manipulo, o avião refreia a velocidade e vai aterrar elegantemente sobre uma enorme eira, doirada pelo Sol.

Então, foi a loucura. É impossível descrever-se o entusiasmo frenético de toda aquela multidão fremente e vibrante!

Sua Excelência, o Ministro do Ar, avançando solenemente, colocou no



peito do insigne herói a condecoração máxima da perícia, destreza e heroísmo!

Chico Torniquete, levado aos ombros da multidão, ansiava agora ver-se na estrada, junto dos seus companheiros de corrida, para prosseguir na sua malfadada prova automobilística.

E fazendo um rápido sinal aos companheiros para que tomassem lugar nos seus carros, rapidamente êle saltou para o seu «C. T.», largando, a toda

a velocidade pelas estradas tranquilas e desertas.

Entretanto, Nicolau Rebola, o monstro dos dentes aguçados e negros, do cimo da árvore onde continuava encavalitado, assistia à vitória de Chico Torniquete, mordido de raiva e de inveja.

(Continua no próximo número)

O DEDO E O DEDAL

★ ★ Por LAURA CHAVES ★ ★

Quando, um dia, a mão direita principiou a coser, ficou muito contrafeita porque teve de meter um fortíssimo dedal no pobre do «pai de todos», que ante essa agressão brutal resmungava com maus modos:

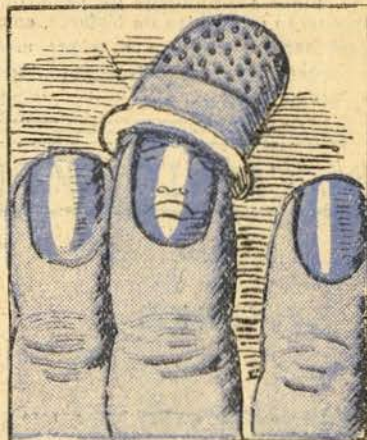
— «Tire isso, faça favor, que eu já estou atabafado e vou morrer de calor. Al! Sou um dedo encravado! Mas que chapéu tão ruim! Acuda-me minha mãe! Porque me castiga assim se eu não fiz mal a ninguém! Se quiser dar-me uma prenda,

não me dê este maldito que é uma coisa bruta, horrenda, antes um anel bonito! Sinto um peso na cabeça! A unha está-se a encravar. Mãezinha, acuda, depressa! Socorro! Falta-me o ar!»

A mãe, já farta de o ouvir, tirou-lhe, enfim, o dedal e êle exclamou a sorrir: — «Pronto! Já lá vai o mal! Acabou-se essa maçada!»

Mas, nisto, — que grande peça! — apanhou uma picada mesmo em cheilo na cabeça. Apanhou mais, a seguir...

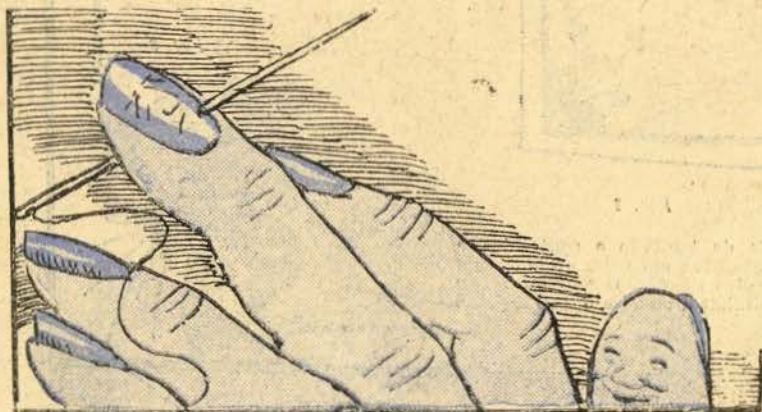
Era a agulha que o picava... Ele, em vão, tentou fugir



mas a agulha não parava. Disse o dedo à mãe num berro:

— «Isto agora inda é pior! Ponha-me o chapéu de ferro, senão fico um passador!»

É verdade aborrecida esta que acabais de ler: Mas há maçadas na vida mais úteis do que o prazer.



F I M

Um jardim zoológico

Instruções: — Publicamos hoje a 2.^a folha desta construção para armar, recomendando aos nossos leitorzinhos que se orientem pelo plano de montagem e pelas instruções que publicámos no número anterior.

No desenho de hoje, figura 1, convém deixar, nos dois extremos laterais, um nadinha mais de largura, fazendo uma dobra em ângulo recto.

Faça-se, também, na parte inferior dos desenhos que não a tiverem, a correspondente base, para colar no respectivo plano de montagem.

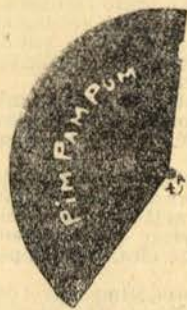
Um pára-quadras

Instruções: — Sirvam-se duma folha de papel de seda ou dum tecido qualquer, que meça 0^m.25x0^m.25, e dobrem em 4 partes, conforme indicam as gravuras 1, 2, 3 e 4. Cortem, em seguida, com uma tesoura, a ponta dobrada e dêem-lhe uma forma arredondada. Furem o centro de cada semi-círculo e prendam neles a extremidade dum fio, depois de cortado este em 16 partes iguais.

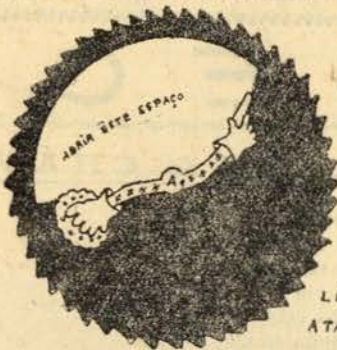
A' outra extremidade de cada fio, prenderão uma caixa de fósforos, com qualquer peso dentro e, sobre esta coloquem o pára-quadista representado na gravura, fig. 6.



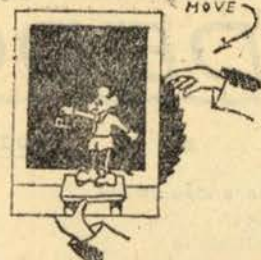
O RATINHO NA ESCOLA



Construção para armar por AMILCAR ABREU



DEPOIS DE ARMADO E COMO SE MOVE



LIGAR A COM A, B COM B, ETC, POR MEIO DE ATACHES PEQUENINOS

SECÇÃO DE BORDADOS — Por ARLETE LOPES NAVARRO

DOIS LENCINHOS

Três modelos de lençinhos, que as leitorzinhos do «Pim-Pam-Pum» poderão fazer. O primeiro é feito em «richelieu» e a cheio.

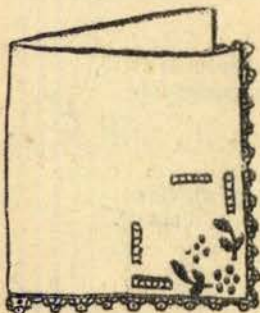


Fig. 1

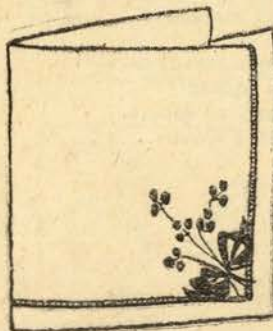
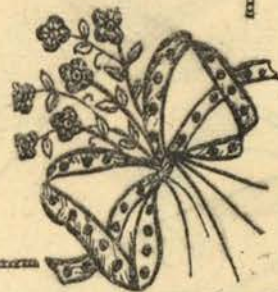


Fig. 2

Depois de bordado o canto, faz-se uma espiguiha em volta do lenço, ou um simples recorte. O segundo faz-se com bolinhas a cheio e o laço a ponto

de recorte, ou ainda a cheio. Tem em volta um «ajour». O terceiro é simples. Pode ser feito a ponto de recorte, ou a ponto pé de flôr. Dos lados do bordado, parte um simples «ajour» a cinco fios. E em volta do lenço, prendendo a bainha, um «ajour» também a cinco fios.

Fig. 3



A MENINA BISBILHOTEIRA

Por ISOLDINA

A Maria da Glória era uma grande curiosa. Não podia ver alguém entrar em casa de seus pais, sem ir logo atrás, para saber do que se tratava. Se qualquer criatura conversava com sua mãe ou com alguém da casa, ela não arredava pé, torcendo-se, até, incomodativa, de tanto se chegar às pessoas (de nariz no ar e olhos arregalados, fitos, ora numa, ora noutra cara), para não perder pitada da conversa que, quasi sempre, ia transmitir a quem lhe desse na cabeça; mas, por vezes, aumentada ou transformada. A mãe nada conseguia no sentido de lhe fazer perceber esse péssimo defeito. Um dia, em que havia visitas de mais cerimônia, teve, até, de conduzi-la para lá da porta, cerrando esta. Ela é que não se conformou com tal medida de precaução, e ficou de ouvido encostado à fechadura, mas, tanto se encostou que a porta cedeu à pressão e a Glória veio estatelar-se no pavimento da sala, aos pés das visitas, com grande desgosto da pobre mãe.

Ora, no rez-do-chão do prédio, viviam, há muitos anos, duas senhoras velhinhas, outrora ricas e felizes e agora caídas na miséria. Pois a Glória dava que pensar a vida das velhinhas. Quando regressava da escola, ficava-se um momento de ouvido colado à porta ou espreitando através da fechadura. Certo dia, ao encostar o ouvido, como tinha por hábito, notou logo um movimento desusado lá dentro. — «Olá! Aqui há coisa. Toca a escutar!» Chegaram-lhe aos ouvidos umas palavras mais destacadas, naquela barafunda, que a fizeram arrepiar. Primeiro ouviu distintamente: — «Mate!» E a seguir: — «Malditas velhas!» Depois, outra voz: — «Tira-lhe bem esses olhos!» Por último, uma voz forte de mulher, numa intimativa: — «O pescoço corta-se de um só golpe. Era escusado tanto sangue no sobrado!...»

A pequena não quiz ouvir mais. Saiu porta fóra, a correr. Logo se lhe deparou o polícia de serviço, cuja presença parecia dizer-lhe não haver pessoa mais competente para receber, em primeira mão, tão horrível confidência.

— «Estão a matar umas velhinhas, ali. Estão a cortar-lhes o pescoço, tirar-lhes os olhos. Um mata, outro manda matar!... Está a casa cheia de sangue!...»

— «O mentina! Mas isso é grave!... Está a falar sério?!»

— «Sim, sim; eu ouvi.»

— «Mas eu não posso sair agora daqui. Se a menina pedisse, ali na mercearia, para telefonarem para a esquadra...»

E a Glória, já serena, sentia-se a futura heroína de uma reportagem sensacional, tanto mais que um círculo de baques a rodeava e ao guarda.

Quando bateram à porta com um «abra em nome da lei» foi um reboliço naquela casa. Apareceu uma criada de mangas arregaçadas e de olhos esbugalhados.



Trocadas as necessárias explicações, estalou uma verdadeira grândola de risadas. Os polícias retiraram-se, pedindo desculpa e a Glória, vexada, enfiou pela escada acima. Que se havia passado? Apenas isto:

Uns parentes das duas velhinhas, residentes no Alentejo, há muito que não sabiam delas. Resolveram vir, em excursão, admirar as belezas da nossa terra e cumprimentar as velhas parentes, de quem ignoravam a situação aflitiva. Ao deparar-se-lhes o aspecto decadente das pobrezinhas, resolveram fazer uma refeição onde todos confraternizassem com alegria. Puzeram mãos à obra, enquanto os filhos jogavam o Xadrez, jogo que os levava a proferir aquela terrível palavra «mate» que fez arrepiar a Glória. Quem exclamou: «malditas velhas» referia-se às cinzas da fornalha que se espalhavam pelo ar, ao soprarem o lume (não sei se os meninos sabem que em Coimbra chamam velhas às fagulhas apagadas...) Quanto «ao pescoço cortado» era, nada mais nada menos do que uma referência ao de um valente galo, sacrificado pela criada que, desageitadamente, deixara espernear o bicho e, assim, salpicara de sangue o sobrado. «Os olhos tirados» eram os das batatas, que a filha mais nova descascava.

Querem coisa mais simples? Só a bisbilhotice da Glória podia transformar um argêro num cavaleiro, o que lhe valeu ter de mudar de casa, pois o escândalo fóra tal que seus pais ficaram envergonhadíssimos. Mas creio que lhe aproveitou a lição.



UM JARDIM ZOOLOGICO

FOLHA N.º 2

